

UM CONTO DE NATAL DE
ENÉIAS TAVARES



O CASTELO DE MEMÓRIAS
DE JOSEPH KLEIN

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE
ENÉIAS TAVARES

O CASTELO DE MEMÓRIAS DE JOSEPH KLEIN

Um homem cava um buraco para dois corpos com uma pá enferrujada.

O prego solto do cabo de madeira fere a mão encardida. Diante dele, dois corpos amigos. O homem tem mais de cinquenta anos e pesa o mesmo que uma criança. O menino não completou doze anos. Nos últimos dias, ele era o mais velho de todos. Não sorria mais. Nem quando lhe entregavam a ração. Suas frias e frágeis esperanças haviam morrido dias antes.

Joseph cava um buraco para ambos os corpos, perguntando-se se não deve também garantir um espaço para si. Enquanto trabalha, dedicado à sua fúnebre atividade, ele amortece os sentidos e ignora o soldado à frente. Enquanto crava a pá na terra congelada, Joseph Klein revisita seu castelo mental, um espaço feito de sonhos que o acolheu nos últimos anos.

Quando iniciou seus estudos, Joseph escolhera o Castelo de Neuschwanstein como modelo para seu palácio da memória. Construído às margens do lago Alpsee ainda no século XVIII, na região setentrional

da Alemanha, o castelo foi escolhido por sua arquitetura vertiginosa e por sua aparência de lendas e fábulas. Cômodo a cômodo, ala por ala, corredor após corredor, incluindo as respectivas padronagens de tijolos e pedras, a reconstrução mental do castelo ocupou boa parte de sua infância e juventude, continuando por sua vida adulta, na inclusão de cômodos então inexistentes no seu correlativo real, cômodos para acolher novos saberes e renovados desejos.

De família judaica ortodoxa, nascido em 1904, na cidade de Praga, capital da República Tcheca, o jovem recebeu uma educação exigente tanto de seu pai, o rabino Yehudah Achibah, quanto de sua mãe, a poeta e ativista política Ester Keshter. Aos dez anos, como complemento à primeira década da vida do filho, o pai levou o menino em uma viagem por alguns países da Europa, culminando com a visitação ao castelo alemão, construção que povoara a imaginação e os estudos de Joseph já por anos.

Desde os seis anos do seu filho, Yehudah lhe ensinara a técnica mnemônica que remontava aos poetas gregos, um saber que possivelmente fora usado por Homero ao cantar a queda de Troia e o retorno de Ulisses, e que perpassava o período clássico helênico, a bélica *pax* romana e os tratados escolásticos medievais. O objetivo de tal método era armazenar mentalmente uma grande variedade de conhecimentos, na medida em que esse poderia ser associado a salas mentais e aos móveis e objetos alocados nelas. Assim, qualquer homem ou mulher que usasse a arte da memória, seguindo os preceitos de Simônides, Cícero e Santo Agostinho, poderia acessar qualquer informação, conhecimento ou citação que desejasse.

Para Yehudah, a técnica lhe propiciou a fixação do Tanach, a escritura sagrada dos judeus, dos relatos de Plutarco, seu historiador predileto, e dos sonetos de Dante, especialmente os presentes na terceira edição de *La Vitta Nuova*, compilada no século XIV. Do ponto de vista de Yehudah, conforme observado por seu pai, e pelo pai de seu pai antes dele, nada poderia ser mais proveitoso, como legado, do que o ensino do método ao próximo herdeiro de sua linhagem.

Assim, quando o pequeno Joseph visitou o castelo de Neuschwanstein pela primeira vez, seu território intelectual já estava pavimentado e desobstruído, pronto para a construção que começaria logo depois.

Naquela altura, o jovem já havia estudado plantas do famoso castelo, além das apuradas ilustrações do barão Gustav Von Marz, filho do rei Bávaro Ludovico II, primeiro morador de suas salas espaçosas e cômodos repletos de segredos familiares e passagens obscuras. Conta a lenda que o lugar havia enlouquecido Gustav após este tentar descobrir, compreender e demarcar os cômodos ocultos do castelo e suas profundezas de sonho e pesadelo.

Mesmo para um profundo conhecedor da geografia e da história secular do Neuschwanstein, nada poderia preparar o pequeno Joseph para sua primeira visita. O castelo era amplo e iluminado, acostumado a ser um dos principais locais de visita da antiga Alemanha. Sua arquitetura estava dividida em três principais alas. A primeira, constituída de um amplo saguão e guardado por duas torres, cada uma projetada e construída segundo diferentes preceitos arquitetônicos, era o ponto de entrada para os viajantes. Em visitas posteriores, Joseph descobriria pelo menos mais três, todas ocultas. A segunda ala costeava a região leste do castelo e encerrava em seus corredores mais de catorze salas de recepção, além da famosa biblioteca de Henry Von Marz, neto do louco Ludovico. Famosa não apenas por sua coleção de tratados teológicos e filosóficos do século XI, como por sua reunião de poetas e escritores épicos de dois séculos anteriores, a biblioteca até hoje assombra os visitantes, sejam eles passantes ou especialistas.

Encerrando essa primeira visita, pai e filho visitaram a ala norte, espaço que reunia mais de quarenta quartos e uma dúzia de saguões de cortejo e recepção. Já no final do dia, visitando o jardim que ficava na parte central da construção e que poderia ser observado de qualquer parte de seus prédios, Yehudah disse ao filho que construir um palácio da memória usando o castelo de Neuschwanstein como modelo seria um desafio e um exercício mais do que satisfatório.

Um exercício para toda uma vida, ponderou o ancião.

Assim, com a ajuda e a instrução de seu pai, Joseph respeitou a divisão de três alas na construção de seu palácio mental. Na primeira, colocou uma série de estátuas de poetas, historiadores, musicistas e heróis antigos. Tais estátuas poderiam ser facilmente observadas e acessadas

visando dar ao jovem variados modelos e conhecimentos que o auxiliariam em momentos de exaspero, solidão ou dúvida, os grandes inimigos dos espíritos jovens.

Na ala leste, além de diferentes cômodos associados a conhecimentos matemáticos, geográficos, filosóficos e astronômicos, Joseph alocou, oportunamente, sua própria biblioteca particular. Nela, o jovem se perdia por horas, às vezes por dias, observando e mentalizando antiquíssimos poemas heroicos, grandiosas aventuras marítimas e soturnos romances de sedução e amor, sendo capaz de escutar Homero cantar o banho preparado por Andrômaca para o seu esposo Heitor, enquanto este era arrastado pela carruagem de Aquiles, ou de deitar-se, em uma ampla cama árabe, para escutar dos lábios enganadores de Sheherazade uma de suas verdadeiras histórias. Também ali, Joseph poderia treinar sua fluência em línguas diversas enquanto dialogava, imaginariamente, com seus queridos mestres mortos. Deixando a ala leste, a ala na qual Joseph organizava seu conhecimento histórico e literário, ele então se dirigia para a ala norte.

Na última grande seção de seu palácio mental, Joseph depositara as paisagens, os sons, os cheiros e os gostos mais exóticos que já havia experimentado. No saguão das artes plásticas, poderia perder-se entre as intensas cores de um Rembrandt ou de um Giotto ou ainda na admiração dos corpos de Botticelli. No infindo corredor que conectava esse saguão ao auditório dos mestres da música, ele poderia dedicar uma parcela de seu tempo à observação de seu jardim central e entregar-se à diferenciação dos perfumes da gardênia e da rosa coreana.

Mais tarde, e com relativa frequência, ele se entregaria ao verde caótico daquele jardim particular, um jardim mais real do que as flores frágeis e frias do mundo que conhecia. Chegando ao auditório, no seio de sua construção cerebral, Joseph conseguia, diante de sua organizada e articulada orquestra, deter-se nos sons de um Verdi ou de um Strauss, embora sua predileção sempre recaia sobre as variações arreadas de Vivaldi e dos tons sombrios de Beethoven. Não raro, suas visitas semanais, visitas regulares para certificar-se de que tudo continuava no lugar em que havia previsto ou deixado, findavam na sala principal de jantar.

Preparada por ele como uma cúpula na qual poderia vislumbrar em painéis gigantescos as melhores lembranças de sua vida, Joseph era servido por três *connaisseurs* franceses com seus últimos experimentos culinários. Sempre antes de preparar um jantar para amigos ou para algum convidado em especial, Joseph Klein visitava a cozinha de seu castelo mental para obter, rápida ou demoradamente, conforme seu estado de espírito no dia e a palpitação de seu coração ante a chegada de seus convidados, alguma receita apropriada ao seu paladar particular.

Por fim, não é sem propósito que acrescentamos que raras vezes Joseph visitava os calabouços de seu castelo, lugar soturno e mal iluminado no qual o arquiteto e construtor imaginativo repousava seus temores mais opressivos e suas criaturas mais destrutivas. Para seu horror, em um futuro próximo, o Deus daquele mundo pétreo de sonho e matemática testemunharia em sua vida pavores que nunca imaginara, nem mesmo nas sombras de seu calabouço privado, uma terra onde demônios à espreita aguardavam... e também construíam seus próprios castelos.

Agora com a descrição da geografia e do método mnemônico concluídas, mesmo que em parte, nos movemos trinta anos no tempo. Na década em que as portas do inferno se abriram revelando que o homem era seu mais articulado e eficiente monstro, Joseph está com quarenta anos incompletos e visita, como costuma fazer diariamente, o primeiro saguão do seu palácio da memória, o mais acessível em vista da urgência da tarefa e do pouco tempo que lhe resta para executá-la. Nele, o viandante vislumbra a série de estátuas dos grandes poetas do passado. Homero, Hesíodo, Sófocles, Safo e, findando a primeira fileira, Simônides de Ceos.

Este, se não o criador ao menos o primeiro divulgador dessa técnica mnemônica, mantém sua face alta e elegante, não reagindo ao visitante que o observa. Nesse amplo saguão, Joseph encontrou o que procura. Para aliviar a aflição daquele momento de sua vida, ele acrescenta um leve odor de malva ao recinto, um odor há anos quase esquecido, nunca mais vivenciado, enquanto a *Arte da Fuga*, de Mozart, reverbera ao fundo, talvez advinda da biblioteca cravada no interior de sua casa de pedra e ilusão.

Joseph, criador e visitante desse castelo de sensações e imagens, fixa seu olhar no belo rosto de Safo e pede que ela o encare com seus frios olhos de pedra, enquanto recita uma de suas elegias. Uma elegia de morte. *“E lá se foi qual folha seca levada ao vento até o Hades.”*

O homem pensa em seu pai. O rabino está morto agora. Seus ossos voltaram ao pó. *Viemos do pó e então voltamos ao pó*, Joseph sussurra acima do solo endurecido. Tem sede.

Após obter a determinação de que precisava, Joseph abandona o palácio de sua memória. Precisa continuar sua árdua tarefa. Com a pá contra a terra. Diante de corpos em decomposição.

Dois anos depois do início da década, Joseph Klein está em Mauthausen, um dos trinta e tantos campos de morte de Hitler na Áustria. Joseph cava um buraco no solo, um buraco para os corpos dos dois amigos, do primo em terceiro grau e do pequeno Isaías. Irreconhecíveis. Nus.

Enquanto joga terra em seus rostos, sente o raio de alcance da baioneta formar um ponto em seu peito. Enquanto cava, Joseph abandona seu recinto de beleza e graça em meio ao horror.

Diante dele, os mortos suplicam aos vivos que não esqueçam.

Dentro dele, e de nós, os mortos encontram sua habitação.

ENÉIAS TAVARES é escritor, professor e tradutor, tendo se dedicado a projetos transmídia e educacionais envolvendo a série *Brasiliiana Steampunk* [brasilianasteampunk.com.br], com destaque para os livros *Parthenon Místico* e *Lição de Anatomia*, ambos publicados pela DarkSide Books. Para a Casa da Caveira já traduziu e organizou uma série de livros, entre eles *O Retrato de Dorian Gray*, *A Máquina do Tempo*, *Carmilla*, *O Rei de Amarelo*, *Palavras, Magias & Serpentes* e *A Bíblia Clássica do Tarot*. Mais de sua produção em eneiastavares.com.br.

